

FOTOS: CARLOS HAUCK/DIVULGAÇÃO



Fusão, obra do webdesigner Rodrigo Moreira, integrou edição recente do Festival de Arte Digital

VISUAIS

Profissionais falam da diferença entre as duas linguagens e mostram a importância do designer e do webdesigner

Fronteira entre ARTE E DESIGN

THAÍS PACHECO

Rodrigo Moreira é designer gráfico e atua como webdesigner e social media em uma grande agência de publicidade de BH. Cria layouts para websites e produz conteúdo e estratégia para mídias sociais. Quem for ao Portfólio on-line de Moreira, descobrirá possibilidades além da funcionalidade. No endereço eletrônico, 12 peças expostas são trabalhos que se esperam de um designer gráfico ou de web: layouts de páginas da internet e catálogos de moda, por exemplo. Porém, outros 15 são testes, pesquisas e resultados de exposições, como é o caso de *Fusão*, obra selecionada e exposta na última edição do Festival de Arte Digital (FAO). Entre essa e outras experiências, Moreira conclui e brinca: "Lugar de leiaute é na galeria".

A função do designer, dita de forma bem sucinta, é produzir solução e fazer do mundo um lugar mais prático. Mas esses profissionais vão além e fazem seu trabalho com estética tão agradável que beiram as fronteiras da arte. A diferença entre arte e design, de acordo com Moreira, está na função: "A arte é uma pergunta sobre alguma coisa. O design é uma resposta a essa pergunta. Em alguns casos, arte não precisa ter vínculo com a vida prática, é uma atividade com fim em si mesma. O design tem a necessidade de estar aplicado a algo prático. Mas é interessante que as duas atividades se permeiem, para que tudo fique mais interessante para quem faz e para quem usa", justifica Rodrigo.

O designer Matheus Dias, do Estúdio Vorko, é especialista em ilustração. Menos propenso a misturar arte e design, se considera um técnico. "Mesmo com a função estética, meu objetivo es-

tá na promoção de alguma ideia, ainda que ela deva transmitir um conceito. A arte é muito mais livre, por incrível que pareça. Mesmo o designer que fez aquela cadeira maravilhosa, o fez por meio de um processo. A diferença está no processo. A arte é mais visceral que o design", define Matheus.

OBJETIVO Fundado há dois anos, o Estúdio Vorko oferece serviços de ilustração, tratamento de imagens, 3D, identidade e editoração, tudo feito por três jovens designers, Matheus Dias, Daniel Gonçalves e Lucas Carvalho, que, nem sequer se formaram na faculdade. Estão no último ano de estudo, mas já com um olhar convicto sobre o ofício. "O design tem por obrigação um compromisso com algum objetivo, seja de venda ou de projeto. A arte não tem, necessariamente, um objetivo", diz Matheus.

Mesmo com propósito claro, os meninos da Vorko são badalados em sua área de atuação e já participaram de algumas exposições como convidados. Matheus garante que não é pelo fato de sair do lugar-comum e ousar nas criações. Esclarece que não tem nada a ver com o fator arte. "Acho que é pela boa divulgação que conseguimos na internet. Usamos bem todas as mídias sociais. Às vezes, os estudantes conhecem mais o nosso trabalho do que de empresas maiores, porque elas não têm presença on-line tão forte. A gente gosta dessa divulgação", conta.

E tem algo com o que Moreira e Matheus concordam. Embora o ofício do designer exija conhecimento técnico, que pode ser adquirido na faculdade, existem sim grandes e competentes designers que nunca passaram por um curso superior. Exemplo é Rigo, o escultor de ferro e aço

que se considera artista plástico e é autodidata. Desde 1998 faz esculturas que já foram para galerias de arte, exposições e até vendidas para o exterior. Suas peças são esculturas abstratas, que estão em paredes e mesas como objeto de decoração. Essas, ele considera arte.

"Não bolo um produto, crio uma peça de arte. Acho que o designer visa a uma produção mais seriada. Todas as minhas peças são únicas. Há algumas que são, no máximo, semelhantes, de acordo com o desejo dos clientes", defende Rigo. Sem formação universitária, também faz portões, portas, corrimãos, troféus, relógios, mesas e até cascatas para piscinas. Neste caso, são peças que ele chama de utilitárias e, então, aceita que se chame de design.

SEM DEFINIÇÕES No meio-termo, Koji Pereira é bom exemplo. Graduado em belas-arts e especialista em pintura, sempre trabalhou com design e é professor na área. Como designer de experiência (que foca o trabalho na experiência do usuário com o produto), trabalhou inclusive para o Orkut, no Google, em BH.

Com a formação artística e a experiência técnica, Koji prefere evitar definições. "Talvez essas divisões sejam pura e simplesmente uma necessidade de mercado e estratificação cultural e não algo realmente ligado à essência das coisas", diz. "O problema é que essas definições estão cada vez mais difíceis de serem sustentadas, já que vários designers têm trabalhos experimentais e, por outro lado, sempre há artistas trabalhando para atender pedidos de clientes e até empresas", conta Koji.

Marcelo Dante concorda com ele. No caminho contrário, da formação em design, en-

veredou-se pelo caminho da arte. Vencedor do júri popular no art.mov do ano passado, criou um vídeo de experimentação em parceria com a designer de som Vanessa de Michellis. Já entrou em algumas exposições, faz vídeo experimental e fotografa por hobby. "Trabalho diretamente com arte todos os dias. Dessa forma, estou sempre experimentando. Mas arte é um conceito muito amplo para definir. Eu e meu sócio tentamos sempre fazer essas coisas porque, certamente, será aplicado em outro trabalho", conta Dante.

O sócio, Juliano Augusto, é ilustrador e faz, por exemplo, intervenções urbanas. Juntos mantêm o estúdio de design 45 Jujubas, que produz, em sua maioria, produtos culturais como capas de discos e cartazes de festas. Pense na capa de disco mais bonita que você já viu ou em um cartaz de festa que chamou sua atenção. Como você os definiria? Arte ou design? Dante acredita que a separação de conceito não se define. "Arte e design andam juntos", conclui.

NA REDE

Rodrigo Moreira
Portfólio – rodrigomoreira.com.br
Blog – rodrigomoreira.wordpress.com
Matheus Dias
Estúdio Vorko – www.vorko.org
Rigo
www.rigoesculturas.com.br
Koji Pereira
www.digfordesign.com
Marcelo Dante
45 Jujubas – www.45jj.org

DOCUMENTÁRIO

Condição humana

MARCELLO CASTILHO AVELLAR



A indicação de *Lixo extraordinário* ao Oscar de documentário de longa-metragem deu visibilidade ao filme.

O plano original dos exibidores em Belo Horizonte era apresentá-lo por apenas uma semana no Belas e depois deixá-lo apenas uma sessão no Cineclub Savassi. Com a indicação, ele permaneceu no Belas, lotou sessões e ganhou até mesmo mais horários esta semana. O aumento do interesse provocado pela indicação em Hollywood está permitindo, assim, que mais espectadores tenham contato com a singular abordagem que o filme propõe sobre a arte, a pobreza e a condição humana.

Na apresentação de *Lixo extraordinário* e em sua divulgação, o nome da britânica Lucy Walker é trazido em destaque, enquanto seus colegas, a também britânica Karen Harley e o brasileiro João Jardim, são apresentados como codiretores. Quem assistir ao filme vai perceber, contudo, que a contribuição brasileira é significativa. Não se trata apenas do fa-

to de a maior parte de *Lixo extraordinário* ter sido filmado em nosso país, no Jardim Gramacho, Rio de Janeiro, o maior aterro sanitário do mundo. Ou de sua estrela ser o artista plástico brasileiro Vik Muniz. O traço nacional mais forte é a maneira como o filme se insere numa vertente que tem particular importância no panorama do nosso documentário – aquelas obras que testam as próprias fronteiras do gênero ao registrarem objetos que foram criados no próprio ato da produção da película. Nesse sentido, *Lixo extraordinário* é irmão de obras como *Moscou*, de Eduardo Coutinho, ou *33*, de Kiko Goiffman.

Vik Muniz, cuja maior viagem é fazer com que a fotografia dialogue com material geralmente não aproveitados pela arte, decidiu vir de Nova York trabalhar com o material do Jardim Gramacho – este foi o ponto de partida de *Lixo extraordinário*. O que ocorreu depois, graças ao envolvimento da equipe do artista com seus modelos (catadores de material reciclável no lugar), é o ponto onde o filme chegou. Era para ser um filme sobre um artista e sua obra; tornou-se o registro de uma experiência coletiva de resistência e transcendência em

meio às condições mais adversas em que pessoas podem viver. Encontramos, ao longo da película, o resgate da cidadania e da identidade dos trabalhadores do lugar, e a retomada de algo que, infelizmente, anda raro, o debate sobre uma ética para a arte que não beneficie apenas o produtor cultural, mas a comunidade, principalmente os segmentos mais desprotegidos dela.

De quebra, *Lixo extraordinário* tem imagens que o elevam à categoria de grande arte. O registro do trabalho noturno no aterro, enquanto emanações de metano produzem chamadas azuladas, ou a apresentação, em imagem acelerada, do desenvolvimento dos enormes painéis que Muniz e seus protegidos estão criando são momentos que encham os olhos e nos lembram que a poesia ou a emoção de um documentário não se escondem apenas na importância de seu tema, mas na beleza de sua construção.

TOM POLÍTICO Tradicionalmente, a comissão que seleciona os candidatos ao Oscar de documentário de longa-metragem, ao qual concorre *Lixo extraordinário*, situa-se bem à esquerda no espectro de tendên-

cias políticas que integram a Academia de Hollywood. Isso fica claro na nítida preferência por filmes-denúncia, frequentemente tratando de temas que os conservadores americanos preferem não discutir. Nos últimos 10 anos, por exemplo, foram premiados três filmes ligados à causa ambientalista, dois que fazem acusações à política externa e militar americana, um panfleto contra a posse e o porte de armas, uma obra sobre o racismo na estrutura judiciária americana, outra sobre as contradições sociais e morais na Índia.

A lista de 2010 não foge a este espírito. *Trabalho interno* investiga as causas da crise financeira que assola os Estados Unidos. Tim Hetherington e Sebastian Junger passaram um ano com um pelotão americano no Afeganistão para mostrar o cotidiano da guerra em *Restrepo*. *GasLand* aborda a produção de novos combustíveis às custas de espaços tradicionalmente voltados para a agricultura. A exceção no tom mais político fica por conta de *Exit through the gift shop*, em que Banksy, um artista do grafite, resolve inverter o jogo e realiza um documentário sobre o excêntrico zelador que pretendia filmá-lo.

SÉRGIO MORAES/DIVULGAÇÃO - 28/1/11



Cenas de *Lixo extraordinário* foram feitas no Jardim Gramacho, Rio